



ENSINO PROFISSIONAL E FORMAÇÃO DOCENTE: LETRAMENTOS E MULTILETRAMENTOS PELA PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DE DISCIPLINAS TÉCNICAS

PROFESSIONAL EDUCACION AND TEACHER EDUCACION: LITERACIES AND MULTILITERACIES PELA PERCEPTION OF TECHNICAL SUBJECT TEACHERS

Paula Almeida Morato de Laet **1**

Rodrigo Avella Ramirez **2**

Senira Anie Ferraz Fernandez **3**

Resumo: A presente pesquisa tem por objetivo investigar como as habilidades de letramentos e multiletramentos são conduzidas, e se de forma crítica, pelos professores especialistas do ensino técnico. O método utilizado foi descritivo com abordagem qualitativa com os dados aferidos por meio de entrevistas com professores de disciplinas técnicas em uma escola de ensino técnico. Ao final desse processo, a pesquisa apontou a necessidade de formação periódica de professores especialistas do ensino técnico para os letramentos e multiletramentos a fim de propiciar uma maior desenvoltura e criticidade na apropriação da linguagem de seus alunos, bem como a realização de propostas de trabalhos interdisciplinares envolvendo professores de língua portuguesa e professores de especializações técnicas.

Palavras-chave: Educação Profissional. Letramentos. Multiletramentos. Formação de Professores e Leitura e Escrita.

Abstract: In this research, it aims to investigate how literacies and multiliteracies skills are conducted and if it is critically conducted by teachers specializing in technical education. The method used is descriptive as a qualitative approach, with the data obtained through interviews with teachers of technical subjects in a technical school. At the end of the process, the investigation required the periodic teachers training in specialized areas in technical education for the literacies and multiliteracies, to promote greater resourcefulness and criticality in the appropriation of the language of their students, as well as the realization of proposals for interdisciplinary works involving teachers of Portuguese language and teachers with technical specializations.

Keywords: Professional Education. Literacies. Multiliteracies. Teacher Education. Reading and Writing.

-
- 1** Mestra em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional pelo Centro Paula Souza. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1047583027391477>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8833-4264>. E-mail: paula.laet@etec.sp.gov.br
 - 2** Doutor em Educação, Arte e História da Cultura (summa cum laude) pelo Centro Paula Souza. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3875857514322336>, ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8468-2851>. E-mail: roram1000@hotmail.com
 - 3** Doutora em Educação pelo Centro Paula Souza. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6042647780025731>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7733-6421>. E-mail: sferrazfernandez@gmail.com
- 

Introdução

Para a leitura e a escrita para prática social dá-se o nome de letramento e, a partir desse conceito básico, surgem outros letramentos, como letramento visual (leitura de imagens), numeramento (prática de conceitos matemáticos). Na atualidade, com a proliferação de multiplataformas advindas da revolução tecnológica surge também o conceito de multiletramentos, ou seja, habilidades necessárias para prática social do indivíduo nas multiplataformas que surgem a todo momento. Ler e escrever se torna básico perto das necessidades que o indivíduo necessita para transitar nas diversas tecnologias necessárias para o desempenho, principalmente profissional desses indivíduos.

Para este artigo, foi investigada a percepção que professores especialistas em áreas técnicas possuem sobre letramentos e multiletramentos em sala de aula. Portanto, a questão desta pesquisa é: O professor de disciplinas do núcleo técnico considera os letramentos e multiletramentos como ferramenta para aprimoramento de sua atuação em sala de aula?

Portanto, o objetivo principal desta pesquisa foi investigar como as habilidades para os letramentos e multiletramentos são conduzidas por professores especialistas do ensino técnico e os objetivos auxiliares foram: verificar se existem ou não lacunas na formação dos professores de ensino técnico para o uso dos letramentos e multiletramentos e pontuar as deficiências ou qualidades do processo educacional no que tange à concepção de eventos de letramento adequados à melhoria das habilidades de leitura e escrita de seus alunos.

Ensino Profissional e o Mundo do Trabalho

Em janeiro de 2020, no Fórum Econômico Mundial foi divulgado relatório com mapeamento sobre as profissões mais importantes do futuro indicando que se destacarão aquelas que demandarão habilidades digitais e humanas. O medo de que a tecnologia venha acabar com muitos postos de trabalho ainda permeia a sociedade, mas o Fórum indica que os profissionais que possuírem habilidades para resolução de problemas complexos e disposição para novos aprendizados bem como conseguirem se manter atualizados em suas áreas de atuação atingirão as condições de se manterem empregáveis (WORLD ECONOMIC FORUM, 2020).

É importante situar o Brasil neste cenário: o país ocupava o oitavo lugar no *ranking* mundial do Produto Interno Bruto disponibilizado pelo Banco Mundial (2019), porém em relação ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é o 79º colocado conforme dados da Organização das Nações Unidas (ONU, 2018) e, para Ramos (2016) o emparelhamento dessas posições só será possível por meio do desenvolvimento educacional da população, principalmente por meio da educação profissional.

A educação profissional atende às demandas do mercado de trabalho, portanto a formação do jovem deve passar pela postura do funcionário, como este será percebido pela empresa, incluindo a necessidade de domínio de outros idiomas até mesmo para cargos mais baixos e as legislações devem acompanhar essas alterações (PETEROSSO ; MENINO, 2017).

Dessa forma, profissionais híbridos, ou seja, aqueles com diversas formações, são cada vez mais comuns e os especialistas, quanto mais especializados, também possuem seu valor. Então, os currículos dos ensinos técnicos buscam mesclar variados tipos de conhecimentos para tentar formar um profissional atraente para o mercado de trabalho (PETEROSSO ; MENINO, 2017).

Como o ensino técnico é um dos itinerários formativos abrangidos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), entende-se que esta modalidade de ensino deve priorizar a preparação de seus alunos para o mercado de trabalho, fornecendo alternativas de atuação dentro daquela profissão em que irão atuar. Além de estar alinhada com as exigências do mercado, a escola técnica deve propiciar ao aluno o ajuste daquelas deficiências que tenha carregado das etapas anteriores que frequentou. Não só porque a legislação aponta essa prerrogativa, mas por ser uma necessidade de preparar o aluno para transitar nos mercados que irá atuar.

Letramentos e Multiletramentos

Carolina Maria de Jesus ficou conhecida após a publicação de seu diário na década de 60. A excentricidade do texto de uma favelada aliada ao retrato das mazelas daquela sociedade fez com que a obra se esgotasse em poucos dias. Logo, Carolina conseguiu dinheiro para sair da favela, mas esse sucesso foi se apagando pouco a pouco. O seu diário terminou ganhando notoriedade nos anos 2000 após ser adotado como leitura obrigatória em diversos vestibulares brasileiros.

Fiquei quieta. Quando eles **vê** frutas sou obrigada a comprar. [...] Mandeimei meu filho João José no Arnaldo comprar **açucar** e pão. Depois fui lavar roupas. Enquanto as roupas **corava** eu sentei na calçada para escrever (JESUS, 2014, p. 23).

Se Carolina fosse viva nos tempos de internet, não teria precisado esperar por um editor para publicar seus textos e poderia ter escrito em um blog ou nas redes sociais. A publicação seria muito mais rápida e atingiria um sem fim de leitores muito mais rapidamente. O único ponto que não seria mudado são as incorreções gramaticais de seu texto e, por isso, muitos leitores poderiam criticá-la por sua redação ou, quem sabe, exaltá-la por sua coragem em se expor tanto.

Nesta pesquisa, não se pretende analisar os equívocos no texto de Carolina, mas usá-lo como exemplo para análise dos motivos que levam muitos brasileiros a cometerem as mesmas incorreções que ela em seus escritos. Não somente os que tiveram pouco acesso à escola, mas também, como verificado nos últimos anos, os que frequentaram a escola por muitos anos e, mesmo assim, não possuem o domínio da leitura e da escrita.

A capacidade de ler e escrever para atendimento das necessidades sociais do indivíduo dá-se o nome de letramento (BARTON, 1994). Esse termo foi trazido à tona por conta de uma demanda social em relação ao entendimento do que é ou não ser alfabetizado. Alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever, já o indivíduo letrado é aquele capaz de usar socialmente a leitura e escrita, respondendo às demandas sociais (SOARES, 2017).

Como apresentado no início dessa seção, como texto de Carolina Maria de Jesus, o conhecimento obtido através da oralidade constituiu a formação social e o escrito, embora identificado como verdade porque está documentado, nem sempre pode retratar o contexto social da época a que se propõe a retratar. Portanto, a oralidade por muito tempo pôde dar conta das necessidades de letramento que algumas sociedades tinham, mas nem sempre a escrita se fez necessária na vida das pessoas (RIOS, 2013).

Os países latino-americanos possuem uma dinâmica específica no que tange a aquisição de escrita e leitura. Esses países não tiveram um tempo de maturação dessas habilidades por conta dos processos históricos de colonização, bem como, a entrada de veículos de comunicação, como rádio e televisão, por que “passaram do plano discursivo-verbal para o dos meios audiovisuais” (CITELLI, 2000, p. 148).

Tendo isso em mente, fica mais fácil entender dados apresentados por índices como o Índice Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF). O índice é conduzido pelo Instituto Paulo Montenegro – Ação Social do IBOPE, em parceria com a ONG Ação Educativa e tem como objetivo colher dados em relação à leitura, escrita e matemática da população brasileira visando fornecer subsídios para o fomento de políticas públicas nas áreas de educação e cultura brasileiras (RIBEIRO et al., 2004; RIBEIRO; LIMA; BATISTA; 2015).

O último apontamento da pesquisa mostra que 7 entre 10 brasileiros, entre 15 e 64 anos podem ser funcionalmente alfabetizados. A pesquisa também aponta que 45% dos que ingressaram ou concluíram o Ensino Fundamental encontravam-se no nível elementar da escala INAF e, 49% dos concluintes do Ensino Médio encontravam-se no mesmo nível elementar, demonstrando “limitações para relacionar-se com as demandas cotidianas de uma sociedade letrada” (LIMA; CATELLI Jr., 2018, p. 14). Isso demonstra que o fato de frequentar a escola talvez não esteja surtindo uma melhora nas habilidades de leitura e escrita dessa população.

Com retratos tão negativos em relação ao domínio de leitura e escrita no Brasil parece uma

utopia pensar que a sociedade brasileira tenha maturidade para lidar com as mais diversas atuações que a tecnologia oportuniza. A imensidão de informação disponível nas redes interconectadas com todo o mundo demanda habilidades não só leitoras, mas principalmente de criticidade na análise, rastreamento e utilização dessas informações que somente podem ser desenvolvidas caso a caso.

Parece utópico imaginar que esses retratos mostrados pelo INAF também não estejam reproduzidos nos âmbitos de ensino profissional. E, então, é preciso e necessário se discutir como os letramentos e multiletramentos vêm sendo encarados nos mais diversos âmbitos sociais em que os indivíduos atuam, principalmente qual o impacto disso tudo na educação profissional.

Petit (2009, 2010) relata que é muito comum estudantes de escolas técnicas e profissionalizantes, que gostam de ler, serem apelidados, sempre no sentido negativo, como pessoas que se sentem mais importantes porque detêm mais conhecimento e, até mesmo, por uma questão de sociabilidade, muitos jovens tendem a não se interessar pela leitura.

Um dos caminhos para a melhor formação desses jovens é sem dúvida o entrelaçamento das leituras com as mais diversas plataformas comunicacionais. Rojo (2013, p. 65) indica que “os atos de ler e escrever são ainda mais fundamentais na interação virtual que em nossas interações cotidianas” e defende que nos tempos virtuais, esse leitor não é mais um leitor passivo, pois ele comenta, contribui e modifica a informação que chega até ele. Dessa forma, a autora define multiletramentos como a capacidade do indivíduo de atuar criticamente e ativamente na construção de conhecimento.

Multiletramentos é um conceito bifronte: aponta, a um só tempo, para a diversidade de linguagens dos textos contemporâneos, o que vai implicar, é claro, uma explosão multiplicava dos letramentos, que se tornam multiletramentos, isto é, letramentos em múltiplas culturas e em múltiplas linguagens (imagens estáticas e em movimento, música, dança e gesto, linguagem verbal oral e escrita etc.) (ROJO; MOURA, 2019, p.20).

A velocidade com que as novas formas de comunicação se proliferam parece não ter fim. Um exemplo dessa nova realidade é a proposta de redação para o vestibular da UNICAMP realizado em 12/01/20 que pedia ao candidato para realizar um roteiro para um podcast sobre biodiversidade e sociodiversidade (QUINELATO, 2020). Além de o candidato saber desenvolver um texto sobre biodiversidade e sociodiversidade, o aluno também precisava saber como funcionam os podcasts e como desenvolver um roteiro. Essa atividade consegue alinhar muitas habilidades e propõe ao aluno uma interação com a sociedade que antes não podia ser vista em exercícios escolares.

Encaminhar o ensino de leitura e escrita no campo profissional e profissionalizante na perspectiva de desenvolvimento dos multiletramentos pode proporcionar aos estudantes o livre trânsito entre os mais diversos textos sempre a fim de se fazer comunicar eficazmente nessa sociedade interconectada.

No que tange à empregabilidade, o nível de letramento é menos relevante do que a classe social, gênero ou etnia a que o indivíduo pertence, pois, o baixo letramento seria mais relacionado com o nível de pobreza e privação de acesso a informações que tornam o indivíduo mais letrado do que a outros fatores relacionados à aprendizagem. As empresas costumam aplicar testes para avaliar os candidatos às vagas de emprego em que as habilidades letradas exigidas têm pouca ou nenhuma relação com a função que vão desempenhar na empresa. Assim, a função desses processos seletivos termina sendo filtrar tipos sociais e não exatamente determinar se o nível de letramento atende às tarefas exigidas pela posição ou cargo (DELGADO-MARTINS; RAMALHO; COSTA, 2000).

Outra concepção a ser ressaltada é a importância que a leitura tem na formação do indivíduo como cidadão:

Leitura e escrita são inseparáveis. Todo mundo lê e todo

mundo escreve. A vida cotidiana, doméstica, é balizada por pequenos textos escritos, bilhetes, listas de compras, de cartas destinadas à administração ou à família, cartas de amor” (HORELLOU-LAFARGE, 2010, p.145).

Mais uma vez, os multiletramentos aparecem como uma ferramenta importante para a condução dessas formas de apropriação do conhecimento. Leituras de trabalho não estão apenas nos livros acadêmicos, mas estão dissolvidas pela rede nas mais diversas formas de apresentação. Blogs, sites, canais no YouTube, perfis no Instagram ou Facebook, Podcasts e tantas outras formas de representação. É necessário mencionar também que a rede oferece facilidades para encontrar outras pessoas com os mesmos interesses, tornando possível a formação de grupos de estudo e compartilhamento de conhecimentos.

Na sociedade do conhecimento em que são produzidos materiais nas mais diversas formas e suportes, ou seja, vídeos, textos impressos, digitais, áudios, podcasts e as mais diversas fontes de informação são trazidas à pauta, não há como desconsiderar esses fenômenos informacionais como desafios tanto para o professor como para o aluno. Produzir textos nas mais diversas plataformas é tão ou mais importante do que apenas saber como consumir esse tipo de informação.

Nessa vertente, é possível mesclar o conceito de letramento informacional como um desdobramento do conceito de letramento já que o letramento informacional está relacionado à capacidade do indivíduo de buscar, refletir, interpretar e usar a informação de maneira eficiente e eficaz. Isso vai muito além da alfabetização informacional ou da simples decodificação dos códigos informáticos, mas como toda teoria de letramento já estudada até o momento, o letramento informacional também se relaciona à prática social, ou seja, a capacidade de aplicação dessas informações no cotidiano desse indivíduo (GASQUE, 2012).

A teoria de letramento informacional dá conta da capacidade de realizar pesquisas para aplicação prática na vida diária, seja ela profissional ou pessoal, mas o indivíduo deve fazer uso dessas pesquisas que ele faz e, assim, reutilizá-las, ressignificá-las e realizar novas pesquisas. Isso conversa diretamente com os conceitos de aprendizagem ao longo da vida (DELORS, 2012).

O que se pode ver é que todos os desdobramentos que o letramento possibilita vão na direção de uma atuação autônoma do indivíduo na sociedade. Quando o professor, e aqui pode-se inserir qualquer professor, das áreas de exatas, biológicas, sociais ou de linguagens, entende o caráter social que o domínio de leitura, escrita, pesquisa e atuação nas novas plataformas, essa sua atuação pode modificar a significação desse aprendizado. E é exatamente essa a relevância dessa pesquisa para contribuição no campo educacional.

O Professor do Ensino Técnico, os Letramentos e os Multiletramentos

Nas escolas técnicas, o desafio sempre foi o acesso ao mercado de trabalho. Se antes a escola garantia este acesso, hoje, ela garante o acesso à fila de espera, ou seja, sem o diploma, esse aluno não tem nem condição de estar no banco de profissionais à disposição do mercado. Ter o diploma não garante o emprego, mas sim, a possibilidade de acessá-lo (BECK, 2011).

Por isso, a escola técnica deve, além de fornecer formação de qualidade, buscar reafirmar as competências deficientes providas da formação básica para que o indivíduo as sane o quanto antes, confirmando a necessidade de formação continuada, em tempos menores, para atendimento das novas demandas do mercado de trabalho (MENINO, 2014).

Quanto ao ensino profissional, existe uma fragilidade a ser sanada que está ligada à formação desse professor de maneira adequada para atuação em sala de aula (PACHECO, 2012). Além da formação pedagógica, a formação inicial desse professor de caráter bacharelesco deve ser considerada. Esse professor, geralmente vem do mercado de trabalho nas mais diversas áreas de atuação e “aterrissa” na escola que possui um mecanismo muito diferente do observado por ele em sua atuação anterior.

Por isso, é necessário o estabelecimento de processos de formação continuada que apoiem a produção de conhecimento, através de grupos de pesquisa vinculados à formação desses

profissionais. Também é importante o estabelecimento da interdisciplinaridade como fator de integração curricular nos cursos de ensino técnico (PACHECO, 2012).

Neste quesito, é importante ressaltar a necessidade da estruturação dos eventos de letramento. Esses eventos não devem ser tratados única e exclusivamente pelos professores de língua portuguesa e outros idiomas, mas devem ser formatados como prática social e o produto dessa prática depende do planejamento de aulas diferentes das consideradas tradicionais. O professor ainda é o centro da disseminação desse conhecimento, mas ele deixa de estar engessado ao cumprimento do currículo e precisa organizar uma dinâmica de exposição de conteúdos que leve em conta a relação com o ambiente onde essa turma está inserida (KLEIMAN, 2007).

O professor do ensino técnico mais do que o professor do ensino básico, tem a responsabilidade de treinar esse aluno para o mercado de trabalho, municiando-o de ferramentas para o desenvolvimento de suas futuras funções e, como já visto, a prática do letramento em sala de aula deve se aproveitar da bagagem desse aluno para construção do conhecimento.

Metodologia de Pesquisa

Para realização deste estudo, optou-se pelo método de pesquisa descritivo com a abordagem qualitativa, pois confronta a revisão bibliográfica à pesquisa de campo realizada através de entrevistas com professores de disciplinas técnicas na Escola Técnica Parque da Juventude, do Centro Paula Souza, na cidade de São Paulo.

A amostra de pesquisa são professores de disciplinas técnicas, pois conforme Kleiman (2007), a condução de eventos de letramento não deve ser feita apenas por professores de línguas.

A amostra de pesquisa é homogênea, ou seja, composta por indivíduos com as mesmas características, para que possamos focar nas situações de letramento. A característica comum desses indivíduos é: todos são docentes da ETEC Parque da Juventude e lecionam mais de um componente da base técnica de algum dos cursos ofertados pela unidade.

A metodologia de entrevistas foi escolhida por conta do caráter social que os letramentos e os multiletramentos carregam. A investigação através de perguntas em ambiente menos formal, possibilita a troca de informações e possibilita também o estudo das falas dos participantes.

Para a coleta de dados foi utilizado como instrumento principal a condução de entrevistas abertas, ou seja, um roteiro flexível para que os participantes expusessem da melhor maneira suas experiências. Nas pesquisas qualitativas, Sampieri, Collado e Lucio (2013) sugerem que as perguntas feitas sejam abertas e neutras para que as opiniões sejam o mais detalhadas possível.

Para instrumentalizar essas entrevistas foram utilizadas as seguintes ferramentas: gravação eletrônica das entrevistas e anotações no diário de bordo de pesquisa durante e logo após cada uma das entrevistas.

A análise dos dados aferidos ocorreu a partir da metodologia de desenho emergente, pois ao analisar os dados o pesquisador pôde categorizar as informações para construção de sua teoria (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO; 2013).

Dessa forma, o processo de análise pautou-se totalmente nas falas dos entrevistados para contraposição dos teóricos estudados e proposição de melhorias nos processos educacionais que envolvam práticas de leitura e escrita para o exercício profissional.

Resultados e Discussão

Foram realizadas entrevistas com os docentes entre o dia 30/08/19 e o dia 03/10/19. O roteiro de entrevistas trazia questionamentos relacionados aos dados do INAF, bem como, questões em relação a atuação desses professores em relação à condução de atividades de leitura, escrita, interpretação de textos e uso de diversidade de textos para pesquisas nas áreas técnicas em que estes professores atuam.

O primeiro ponto analisado foi a identidade do professor de ensino técnico. Peterossi e Menino (2017) indicam que pensar a identidade desse professor é fundamental, pois esse

profissional tem sua lógica voltada à produção e ao mercado produtivo na área em que ele se graduou. Voltar sua identidade para as demandas da escola em que atua torna-se fundamental para que a formação desse aluno seja adequada às demandas da sociedade.

Os doze professores entrevistados provêm das mais diversas áreas de atuação, como Administração de Empresas, Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Biblioteconomia, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Direito, Enfermagem, Propaganda e Marketing e Publicidade e Propaganda. Todos os professores entrevistados possuem pelo menos uma especialização *Lato Sensu* na área de sua graduação, alguns possuem mais de uma graduação, sendo que uma das entrevistadas possui habilitação para lecionar matemática para o Ensino Médio, possuindo, então, uma licenciatura.

À época da pesquisa a escola trabalhava com duas modalidades de cursos: os cursos modulares e concomitante com o ensino técnico, os ETIM's (Ensino Técnico Integrado ao Técnico). As certificações oferecem aos alunos o mesmo grau de atuação, pois nos dois casos esses alunos são certificados como técnicos.

Para os professores, essas diferenças se refletem nas abordagens dos conteúdos. Os alunos que cursam ensino técnico ao mesmo tempo que cursam o ensino médio, por conta da faixa etária, entre 14 e 18 anos, não possuem experiência profissional e, isso demanda do professor uma dedicação diferenciada para abordar os conteúdos técnicos. Já para o modular, a dedicação do professor se volta para o caráter nivelador já que estes alunos estão em faixas etárias, níveis profissionais e experiências diversificadas que dificultam o trabalho do professor.

Dessa forma, serão apresentados nesta pesquisa fatores que evidenciam essas dificuldades, bem como, dados que mostram as características desses professores. Esses recortes são necessários para que se possa verificar a predisposição que eles têm para o trabalho dos letramentos e multiletramentos, ainda que não saibam identificar essas teorias e demandas. A primeira análise se refere à faixa etária desses professores.

Os professores entrevistados em sua maioria estão entre 31 e 40 anos, sendo o total de cinco professores e sete professoras. Outro aspecto importante de ser trazido à tona são os períodos que estes professores se dedicaram ao mercado produtivo antes de começarem a lecionar e o tempo que se dedicam ao magistério, sendo que quatro lecionam concomitantemente em outras escolas e dois destes lecionam também em faculdades. Sete professores dentre os entrevistados lecionam apenas na unidade escolar.

Os professores que possuem outras formas de renda que não a docência são cinco, sendo que apenas dois destes estavam em regime de contratação por tempo indeterminado. Essa verificação é importante tanto para avaliar o alinhamento desse profissional com o mercado produtivo, tanto para o tempo que esse professor tem para se dedicar à docência.

Peterossi e Menino (2017) relatam que a grande maioria dos professores do ensino técnico com experiência de mercado do trabalho são considerados aptos para ministrar disciplinas técnicas e que, a legislação indica que estes podem realizar formação pedagógica complementar. Dentre os professores entrevistados, seis possuem formação pedagógica.

Esse fato corrobora o pensamento dos mesmos autores quando sinalizam que “a grande maioria dos professores do ensino técnico traz na sua bagagem de formação apenas a experiência profissional vivenciada ou o próprio curso profissional” (PETEROSSO ; MENINO, 2017, p. 42).

A próxima etapa desta pesquisa foi a análise das falas dos professores para contrapor a fundamentação teórica apresentada. Para nomear os entrevistados e melhor situar suas falas, foram usados nomes de grandes escritores brasileiros: Ana Maria Machado, Ariano Suassuna, Carolina Maria de Jesus, Clarice Lispector, Fernando Sabino, Lygia Fagundes Telles, Maria José Dupré, João Cabral de Melo Neto, José Mauro de Vasconcelos, Rachel de Queiroz, Cora Coralina e Ziraldo Alves Pinto.

O primeiro ponto relacionado é a diversidade de gêneros textuais trabalhados por esses professores em sala de aula. Nos relatos trazidos foram pontuados os seguintes gêneros textuais: resenha crítica, artigos acadêmicos, entrevistas de emprego, resumos, provas, formulários estatísticos, apresentações orais, estudos de caso, redes sociais, resoluções e legislações, manuais, desenvolvimento de softwares, produções audiovisuais, realização de projetos e workshops, bem como, aplicativos como Googleclass.

A diversidade de gêneros textuais trazidas nos relatos dos professores mostram o quão importantes são as intervenções deles a fim de tornar o alunado mais ativo no aprendizado. Verificar que os professores conseguem entender a necessidade de aplicação de atividades diversificadas mostra o quão alinhados estes estão com os conceitos de Peterossi e Menino (2017) quando exprimem que os professores devem estar preparados para “para trabalhar em equipe, organizar um ambiente tecnológico propício à aprendizagem dos alunos, criar e aplicar estratégias de comunicação e ensino, delimitar e redefinir um conteúdo ou habilidade técnica de forma a torná-los um objeto de aprendizagem para o aluno” (PETEROSSO ; MENINO, 2017, p. 109).

O primeiro relato trazido é a reflexão sobre a necessidade de uma produção escrita mais complexa ou não como ferramenta para apropriação do conhecimento:

Ariano: Eu sinto a dificuldade dessa limitação em querer essa produção escrita, né? Por quê? Porque ele vai precisar de uma orientação. Até mesmo, como seria essa escrita? Por meio de narração, dissertação?.

Vemos um relato parecido em:

Clarice: Mesmo que você dê o modelo, por exemplo, o modelo de projeto que tem uma introdução, um objetivo, justificativa, ele tem muita dificuldade. Mesmo que você explique o passo a passo. Porque, primeiro, é algo que ele não, talvez não vinha utilizando nos anos anteriores da formação dele, né?

A professora entende a dificuldade de seu aluno, mas não se exclui da responsabilidade de orientá-lo para que ele consiga se apropriar daquela forma de produção de conteúdo. Essa é outra vertente que precisa de um olhar atento, pois em alguns relatos, os professores se distanciam da responsabilidade de orientar seus alunos, culpando a má formação anterior ou a postura desse aluno, como vemos em:

Lygia: É a falta de maturidade junto com a falta de interesse de poder melhorar o seu conhecimento. Para eles é assim: basta ter o papel que eu estou formado e o que eu sei ou deixo de ser já está bom demais.

O relato da professora Lygia é corroborado pela professora Maria José:

Maria José: Eles não conseguem entender [...] eles não entendem [...] eles só leem como se fossem uma máquina. Quando você faz uma pergunta, quando você fala para eles a relação de uma coisa com a outra, eles ficam pensando: ué, mas era isso? Então, eles não entendem mesmo a compreensão de texto.

Os dados do INAF que apontam que 45% dos alunos egressos do ensino médio estão em condição de alfabetismo funcional foram informados aos professores entrevistados. Dos doze professores, apenas dois se mostraram incomodados com esses dados e apresentaram questões sobre como a pesquisa foi efetuada. Para o restante dos professores este dado foi aceito tranquilamente e, em alguns casos, reforçado, inclusive com exemplos:

Carolina: pela situação que vejo, só aqui, por exemplo, eu imaginaria que é muito mais.

Zirardo: Difícil, né? Porque como você vai conseguir... porque se você não consegue assimilar informações [...]

Ana Maria: Faz sentido, faz sentido. É um pouco assustador pensar que 55% não terminam, mas pelo que a gente vê, muitas vezes, é um número que não está tão fora.

É necessário ressaltar que o estudo do INAF apresenta um dado que faz alusão à atividade do professor e, talvez por isso, estes professores tenham se sentido tão confortáveis em aceitar o dado apresentado. Porém, o próximo relato demonstra um certo incômodo e questionamento em relação ao dado apresentado:

Ariano: O que eles levaram em conta? O que foi observado? Porque eu também tenho que ter cuidado em padronizar. A forma de avaliação tem que ver, que parâmetros, que evidências eles estão considerando para enquadrar essa amostra de 45% de alfabetizados funcionalmente. Então, eu não vou dizer que está errado. Precisaria observar, né?

Esse relato é importante para mostrar o olhar questionador que o professor tem em relação ao um dado que lhe foi apresentado, pois Peterossi e Menino (2017) indicam que nas escolas técnicas existe uma descontinuidade da formação do aluno, já que o ensino básico privilegia a formação individual e o técnico está voltado a integração de normas sociais e voltadas para a preparação do trabalho. O olhar pesquisador se torna importante para que esse professor o replique em sala de aula.

Quando perguntados sobre a atuação do professor em relação a apropriação da leitura, interpretação de textos e escrita em sala de aula, todos se mostraram predispostos a orientar seus alunos na melhor produção de textos escritos, indicando equívocos em relação à grafia, acentuação, pontuação e outros aspectos da língua escrita, porém muitos relatos ressaltam certa dificuldade em conduzir essas questões:

Ariano: acabo, dentro do meu conhecimento, sim, fazendo essas correções, né? Faço essas correções como uma necessidade. Necessidade de, poxa, meu papel é ajudar a melhorar. Então, por mais que eu veja ali, opa, não me atribuir a essa função de correção, né? Mas eu assumo esse compromisso.

Zirardo: Encaminho para eles e peço para eles colocarem, né? Enfim, fazerem uma atividade em cima daquele texto que eu entrego para eles e eu percebo que há erros de concordância, erros de grafia. Procuo fazer essa pontuação e, só assim, às vezes eu enxergo isso como uma falha minha como professor, por que chega uma hora que você desiste porque ou você passa a dar nota no que o aluno está de uma certa forma sofrivelmente, vamos dizer de forma sofrível, entregando para você.

Alguns relatos mostram a noção de conhecimento do conceito preconceito linguístico, mesmo sem saber nomear. Bagno (2015) define como preconceito linguístico a confusão que se faz entre o domínio da escrita e da fala dentro das regras gramaticais convencionadas como padrão

da língua e o conhecimento que o indivíduo possui e talvez não saiba reproduzir dentro desses regramentos padronizados. Os relatos dos professores indicam preocupação com esse fato:

Clarice: Eu corrijo na prova, na atividade. Eu coloco lá, eu corrijo a palavra, né? Somente quando eu não entendo, aí coloco uma interrogação e quando eu vejo da palavra errada, eu faço a correção. É importante para ele, né? De repente, a vida inteira ele achou aquela palavra tinha aquela escrita e na verdade não é?

Fernando: Então, você fala: ó, cuidado com a escrita! Cuidado com a pontuação, a gramática! Olha os verbos, né? Então para TCC, eu vou bem mais a fundo, para pegar, geralmente, são em duplas ou trios, daí eu chamo individualmente um por um para fazer esse acompanhamento.

João Cabral: Faço esses apontamentos e converso em particular com o aluno. Inclusive, na hora da avaliação, eu peço para o aluno sentar do meu lado e eu coloco algumas questões porque em determinadas situações você não deve expor o aluno, mas você colocar esses aspectos particulares com a finalidade, com o intuito de melhorar, com que ele cresça esse desenvolvimento pessoal, profissional, educacional, eu acho que é válido.

Quando os professores trazem relatos que indicam preocupação com a orientação de seu aluno em relação ao uso da linguagem, isso denota o cuidado que eles possuem ao fazer com que esse aluno se aproprie do conhecimento e uso da linguagem.

Alguns professores entendem que o trabalho do professor de línguas é revisar o texto dos alunos como uma prestação de serviços de consultoria na área de redação e, não os orientar a seguir aperfeiçoando a linguagem nas mais diversas formas de atuação e, por isso, também se perdem ao orientar seus alunos na confecção de seus próprios textos, como é possível ver em:

Cora: Eu fazia isso antigamente. Hoje, eu não faço mais tanto. E faço assim, quando é muito grotesco, né? Porque isso me tomava muito tempo, né? Eu começava a ler texto, principalmente eu que trabalho com orientação de TCC, eu começava a ler texto e corrigir texto. Eu levava horas e horas fazendo isso, né? E, para mim, ficou inviável. Hoje, eu os recomendo terem contato com os professores de português da casa para que essa revisão seja feita com continuidade, né?

Em outros casos, o professor age de forma intuitiva:

Carolina: Não, em primeiro momento. A minha preocupação é entender (pausa) aquela história de... não sei exatamente como é que fala, né? Foi isso que você quis dizer? Antes de pensar na pontuação. Porque eu acho que a pontuação é fundamental, mas eles não conseguem minimamente escrever aquilo que está na mente. Então eu falo para ele vai e coloca no papel o que você quis dizer. Ah, então agora vamos colocar pontuação, vírgula, coesão, coerência para gente poder entender a frase. Eu acho que, não sei se é um passo atrás ou o passo a frente. Eu não sei, aí só você sabe. Não faço a mínima ideia.

Existe uma confusão entre o trabalho do professor de línguas como orientador da apropriação da linguagem na prática e o possível detentor dos regramentos gramaticais. Embora, os professores entendam que o domínio da linguagem vem com a prática, muitos se sentem coagidos quando um professor de línguas está presente, como se estivessem sendo avaliados. Outros relatos, trazem a importância de se ter um professor de língua portuguesa para auxílio de sua prática docente:

José Mauro: Os professores, quando têm, de redação, língua portuguesa, enfim, tem essa preocupação de voltar um pouco atrás para recuperar, tentar recuperar ou corrigir algumas coisas para seguir, né?

Ariano: Eu peço a ajuda do professor ou professora que tem ali até mesmo habilitação, até mesmo que está autorizada a trabalhar isso com maior propriedade que eu.

Em outra ponta, houve também a preocupação com o que o mercado exige do aluno em relação ao domínio da linguagem escrita:

Rachel: Quem está no RH não tem uma visão de professor. Ele tem uma visão de empresa, se você minimamente não escreve com uma letra razoável e com uma pontuação. Até pode ter um errinho ou outro, a pessoa ainda tolera, mas se for muito grosseiro, ele não vai ser aprovado por causa da questão do português.

Esse relato vai ao encontro do pontuado por Delgado-Martins et. al. (2000) quando os autores refletem sobre os textos cobrados em entrevistas de emprego e ressaltam que, talvez, os textos pedidos e avaliados não estejam necessariamente voltados às habilidades exigidas para o cargo ao qual esses candidatos estejam pretendendo.

Quando perguntados se acreditavam que seus alunos tinham dificuldades em procurar informações para as pesquisas pedidas. Neste ponto, lhes foi informado que essas pesquisas podiam ser algo mais do que trabalhos escritos, mas vídeos, podcasts, posts em redes sociais, para que os professores entrevistados pudessem relatar suas experiências com ferramentas diversificadas. Também foi questionado se o aluno consegue interpretar os dados pesquisados e produzir a pesquisa solicitada. Nesta perspectiva, os relatos dos professores se desencontram:

Carolina: Vamos colocar assim: Gente, eu tô dando... eles têm (dúvidas) do básico até a parte de encontrar. Gente, eu tô deixando um link de vídeo, é capaz de eles escreverem assim: Professora, não encontrei o link.

Ariano: Vai precisar de uma intervenção, às vezes, do professor. Porque você fala: pesquisa isso daí... e vai chegar alguns. Eu quero que produza isso, daí... vão chegar alunos te perguntando se é o caminho que tá (certo). Se são os caminhos que podem chegar a uma solução possível.

Lygia: Eu vejo a dificuldade deles em conhecer os métodos de pesquisa. Para eles jogar no Google e colocar lá o tema já é a pesquisa e eles acabam trazendo até mesmo coisas que não são válidas.

Maria José: Não tem dificuldade de localizar porque tem muita informação. Eles têm dificuldade em entender do que eles estão escrevendo.

José Mauro: Encontrar, eu acho que não. Encontrar, eles conseguem encontrar bem. Eu acho que fica mais na questão da análise e da produção mesmo, né? Porque, às vezes, eles encontram a informação e aí, eu falo: tá! Mas você tem que tentar escolher o melhor, né?

A falta de prática leitora do aluno também surge como um fator condicionante à dificuldade de se localizar a informação adequada, bem como a qualidade da fonte de pesquisa utilizada:

Ana Maria: No ETIM, a grande maioria consegue, mas têm alguns que você percebe que, por resistência, por falta de leitura, por falta de costume de leitura têm muita dificuldade. E isso, você percebe porque se propaga em todas as disciplinas.

Rachel: Quando você fala de pesquisa em ambiente científico, a ideia deles sobre isso é zero. Eles sempre preferem páginas abertas, sempre blog e aí você fala: então, não pode.

Cora: Eu falo para os meus alunos: gente, daqui a pouco eu vou estar vendo como referência bibliográfica um grupo de WhatsApp, né? (risos) tipo, ouvi no grupo do WhatsApp, né? De tão sem nexos que tá. E ele não tem essa visão acadêmica.

O professor Fernando adiciona que na sua área de atuação a competência de seleção de informações confiáveis é uma das competências mais importantes:

Fernando: O técnico em biblioteconomia é a representação da informação. Se você não sabe localizar, tratar e representar isso, ou seja, interpretar, você está defasado. Então, essa é minha visão.

A tecnologia tem mudado os rumos do trabalho nas últimas décadas e não há mais como conceber aversão às práticas que envolvam tecnologias, principalmente no que tange ao fomento de práticas criativas. Porém, alguns relatos vão na contramão dessa realidade:

Maria José: Eu não trabalho mais com powerpoint, agora tudo é ditado. Então, eles têm que entender, eles têm que começar a escrever mais.

João Cabral: Eu não costumo utilizar o trabalho digitalizado. Eu peço para eles manuscrito.

Mesmo assim, as mudanças que a tecnologia tem operado na sociedade não passaram despercebidas:

Rachel: Eu acho que por causa das tecnologias, as pessoas escrevem tudo pela metade.

A dificuldade de acesso às tecnologias foi mencionada apenas uma vez:

Rachel: Não fica perfeito porque às vezes a gente não tem tempo hábil, às vezes o aluno não consegue acesso para

conseguir ver as coisas, às vezes a gente tem que dar umas ajudadas.

Já o domínio dela pelo professor apareceu como uma necessidade para que este fizesse a mentoria necessária para sua prática docente:

Ariano: Não basta apontar a ferramenta, tem que saber que também, é nossa obrigação de ajudá-lo a usar a ferramenta. Muitos querem utilizar esse recurso e não passa o passo a passo.

E a necessidade de conhecer o grupo de alunos para saber como trabalhar com eles em sala de aula:

Rachel: Eu já tive algumas experiências com vídeo e eles fazem muito rápido, mesmo com um grupo de pessoas mais velhas na sala, os mais novos, meio que pegar a mão e coisa vai muito rápido.

José Mauro: Eu tento no grupo, mesclar pessoas que pelo menos já tiveram uma vivência prática porque aí você já sabe pelo menos como é que funciona e aí dá para melhorar aquele que nunca viu, né?

Um ponto muito salutar que foi trazido por muitos professores entrevistados é a pesquisa efetuada pelos alunos em final de curso denominada “Trabalho de Conclusão de Curso” (TCC). Muitos professores se mostraram bastante preocupados com as habilidades desses alunos, principalmente para a confecção deste trabalho final, inclusive professores que não lecionam o componente responsável por este trabalho.

Entre os professores que conduzem esses componentes, é latente a preocupação com o domínio de leitura que esses alunos devem possuir, a criticidade necessária para se desenvolver esse projeto, a dificuldade em se trabalhar com critérios de padrões acadêmicos (tanto para alunos quanto para os professores desenvolverem a redação de pesquisas acadêmicas).

Depois das referências sobre multiletramentos apresentadas neste artigo, entender que existem diversificadas formas de se apropriar do conhecimento e de se apresentar conteúdos que se utilizem da linguagem nas mais diversas formas é importante para a atuação tanto de professores em sala de aula quanto de alunos no mercado de trabalho. O relato de Rachel ilustra essa vertente:

Rachel: Se a gente fala, o paciente entende, se a gente não fala nada com o acompanhante, com o paciente, com o médico, acaba, vira um caos, porque a gente não tem a informação concreta. Tem a parte escrita? É importante, mas aí a gente fala como técnica. A fala técnica é compacta. Às vezes a gente fala, fala, fala e quando olha para o paciente, ele não entendeu nada. Você tem que falar de um jeito que ele entenda, que se aproxime da realidade do paciente.

Antes de finalizar essa etapa de análise dos resultados, é preciso incluir três pontos que surgiram nos relatos dos professores entrevistados. Um dos pontos é a necessidade de acompanhamento dos professores com pouco tempo na docência. O segundo ponto trazido é a abordagem que a professora Carolina trouxe em relação às diferenças de sua atuação na docência de disciplinas técnicas e de uma disciplina da base comum do ensino médio (matemática) e o último ponto, a atenção à diversidade de alunos que os cursos técnicos que recebem, nesse caso, o relato

aborda a questão dos refugiados.

O professor Ziraldo, a época da entrevista possuía oito meses de experiência como docente, trouxe a seguinte fala quando questionado se os alunos se sentiam confortáveis com seus apontamentos em relação aos seus textos:

Ziraldo: Eles gostam de colocar obstáculos, né? Na vida, vamos dizer assim. Ah, o professor está empatando. Daí para que eles não venham a desistir (do curso) ou gerar qualquer tipo de insatisfação que venha a chegar na coordenação, eu procuro fazer de forma sutil assim, escrever como uma espécie de motivação ou inspiração.

Peterossi e Menino (2017, p 109) estabelecem três categorias profissionais a serem observadas para o exercício do magistério: “dominar os saberes e práticas sociais de uma profissão técnica a partir do campo disciplinar definido; definir com precisão as atividades do aluno; preparar e realizar a sua atividade didática no campo disciplinar definido”. Dessa forma, a insegurança apresentada pelo professor em relação a questionamentos que, possivelmente, cheguem à coordenação ou a prováveis evasões podem atrapalhar o desenvolvimento deste professor em sala de aula. Ressaltar esse relato traz a importância de se estabelecer métodos para oportunizar a melhoria da prática docente, principalmente em relação a professores em início de carreira.

O segundo ponto a ser trazido é a abordagem que a professora Carolina trouxe em relação à sua atuação como professora de disciplinas técnicas e as diferenças em relação à sua atuação como professora de matemática (disciplina da base comum do ensino médio):

Carolina: trabalho com empreendedorismo, inovação há cinco anos, cinco anos e meio, é, seis anos, vai fazer. Fez, sei lá. ÉÉÉ... E agora eu estou dando matemática para eles. Está escrito lá no programa. Tem um gráfico: calcule o valor de xis, eles olham para a minha cara assim: Professora, eu não entendi nada que é para fazer nesse exercício. O que que é para fazer? O que que ele “tá” perguntando? (riso) Exatamente, calcule o valor de xis. Mas esse xis é igual aquele xis? Não sei professora. Aí, desisto! Não nasci para essa vida!

O relato da professora é interessante, pois demonstra um olhar preocupado com fatores externos que não são o mercado de trabalho já que o foco da disciplina de matemática, segundo a professora seria o acesso ao vestibular. Nesse contexto, o olhar do aluno também é diferenciado e distante do objetivo de formação técnica.

Outro aspecto importante a ser ressaltado é o momento de alinhamento da sala como um todo a fim de se conseguir o objetivo que é o aprendizado coletivo. Embora os professores de ensino técnico tenham trazido muitos relatos sobre experiências anteriores da turma, nenhum relato foi tão enfático em relação a essa necessidade quanto este trazido pela professora Carolina.

O último ponto a ser analisado foi o trazido pela professora Rachel ao falar de sua experiência docente com um aluno refugiado que possuía o francês, como língua materna. A professora relatou que existe a possibilidade de revalidação do diploma de profissionais estrangeiros e as dificuldades que esse aluno enfrentou para conseguir acesso a um emprego na área de enfermagem.

Rachel: o RG dele era de estrangeiro, ele foi para o hospital e aí o pessoal optou por não fazer a prova escrita. Fez mesmo meio que uma acareação, uma sabatina nele, via oral, ali, com uma pessoa anotando o que ele estava falando. Então, aquelas entrevistas práticas orais: você

dá a pergunta, a pessoa começa a falar e a outra pessoa escreve e, aí, depois a gente lê para pessoa o que que ela escreveu: você quer acrescentar alguma coisa? E aí ele conseguiu superbem, ele passou, conseguiu entrar no hospital, enfim. Está superbem encaminhado.

Este relato traz uma riqueza de entendimento de adaptação das necessidades das pessoas a fim de adequá-las às áreas de trabalho. As teorias dos letramentos e multiletramentos estudadas ao longo desta pesquisa trazem a necessidade da abordagem social que a linguagem tem para o indivíduo. Quando existe esta preocupação de integração de um indivíduo, que possui claramente restrições de entendimento do idioma, existe também uma perspectiva de formar uma sociedade mais justa.

Incluir os indivíduos menos letrados dentro do padrão conceituado na sociedade é o exercício mais importante que os teóricos estudados nesta pesquisa trouxeram. Street (2014) relata que “tem-se reconhecido com frequência que as pessoas absorvem práticas letradas em suas próprias convenções orais, ao invés de simplesmente imitar aquilo que foi trazido” e, o relato da professora Rachel é uma evidente demonstração de como nem sempre o escrito realmente representa o entendimento do indivíduo em relação ao conteúdo informado em determinada situação.

Dessa forma, ler e escrever já não bastam como visto largamente nos estudos trazidos pelos teóricos de letramentos ou multiletramentos, mas desenvolver o pensamento crítico e saber se posicionar em relação às mais diversas demandas que a sociedade venha a trazer.

Para isso, o objetivo principal desta pesquisa foi investigar como as habilidades de letramento são conduzidas pelos professores especialistas do ensino técnico. A partir da análise dos relatos trazidos pelos professores pode-se ver que há uma necessidade de formação de professores especialistas em áreas técnicas para entendimento sobre como as teorias de letramentos e multiletramentos podem ajudá-los na condução de suas aulas, bem como para a integração desses professores com os professores de línguas a fim de aprimorar a atuação de todos na formação de seu alunado.

Lima (2018) ressalta na conclusão de sua dissertação que os professores da área de linguagem entrevistados por ele relataram dificuldade em trabalhar de forma interdisciplinar com os professores da área profissional e tampouco estabelecer trocas de experiências e materiais. Como pôde-se verificar ao longo dos relatos, os professores aqui entrevistados reforçam a importância dos trabalhos dos professores de linguagem, porém não foi trazido em momento algum a importância do entrelaçamento das áreas através da formatação de atividades interdisciplinares que ressaltem a importância dos letramentos e multiletramentos.

A questão desta pesquisa é: O professor de disciplinas do núcleo técnico considera os letramentos e multiletramentos como ferramenta para aprimoramento de sua atuação em sala de aula? A resposta depende da perspectiva analisada já que os professores entendem a necessidade de diversificar os textos apresentados para os alunos, mas em muitos casos, ainda estão atrelados à apresentação de trabalhos de pesquisa com formatação acadêmica e, invariavelmente, estes professores têm muita dificuldade de operacionalizar estes trabalhos já que não dominam ou conhecem as teorias de letramentos ou multiletramentos. Já quando, eles abordam as aplicações de atividades denominadas por eles como “práticas”, ou seja, aquelas oralizadas ou as não escritas dentro de padrões fechados, como os trabalhos acadêmicos, existe quase um consenso de que a apropriação do conhecimento se dá de forma mais facilitada já que deixa o aluno livre para explorar seu conhecimento sem as amarras que o texto escrito oferece.

O que se torna evidente é que os letramentos ou os multiletramentos que oferecem abordagens mais amplas e voltadas para o convívio social, principalmente, os multiletramentos que podem ressignificar o uso da linguagem em suas mais diversas formas de apresentação, através da exploração de trabalhos com imagens estáticas, vídeos, sons e textos que se utilizem das práticas modernas de apresentação, como reportagens multimídias, ou seja, aquelas que exploram texto, vídeo, imagens estáticas, podendo ser representadas em blogs, por exemplo, podem oferecer ao professor uma ampliação da apropriação do conteúdo pelo aluno. Utilizar-se dessas ferramentas

para a ressignificação do domínio da leitura e da escrita é um caminho essencial para o profissional do século XXI e os professores do ensino técnico não podem deixar de se apropriar dessas ferramentas em sala de aula.

Considerações Finais

O objetivo principal desta pesquisa foi investigar como as habilidades para os letramentos e multiletramentos são conduzidas por professores especialistas do ensino técnico e para isso, foi utilizado o método de pesquisa descritivo com a abordagem qualitativa, pois confronta a revisão bibliográfica à pesquisa de campo realizada através de entrevistas com professores de disciplinas técnicas na Escola Técnica Parque da Juventude, do Centro Paula Souza, na cidade de São Paulo.

É possível afirmar a partir da análise dos relatos dos professores que existe uma noção da necessidade de se proporcionar o estudo de diversos gêneros textuais, mas não é possível aferir se o aprimoramento da linguagem é um ponto realmente trabalhado por esses professores, apesar de a linguagem ser o código utilizado nas mais diversas interações das atividades trabalhadas em sala de aula desses cursos técnicos. Por isso, entende-se ser apropriado aprofundar futuramente esse viés de análise a fim de entender qual o papel da linguagem na prática diária desses professores.

Como objetivos auxiliares essa pesquisa tinha em primeira posição a questão de verificar se existem ou não lacunas na formação dos professores de ensino técnico para o uso dos letramentos e multiletramentos. Nesse ponto, há um gargalo, principalmente, no que tange ao entendimento de que o professor especialista tem do trabalho de um professor de línguas. É importante tentar aproximar essas duas pontas de atuação de professores, principalmente referente à apropriação do conhecimento do aluno. Quando o trabalho do professor de línguas está muito distante do trabalho do professor especialista no ensino técnico, pode haver uma desconexão ou desentendimento da importância da aula de línguas dentro do curso técnico, por parte do aluno. Este é um ponto que precisa de aprofundamento e estudos adicionais para entender tanto o aluno quanto o professor não de línguas, entendem a importância das linguagens para composição do currículo do ensino profissional.

O último objetivo auxiliar da pesquisa buscava pontuar as deficiências ou qualidades do processo educacional em relação à concepção de eventos de letramento adequados à melhoria das habilidades de leitura e escrita de seus alunos.

Ao analisar as atividades proporcionadas pelos professores especialistas pôde-se verificar uma diversidade de exploração de gêneros textuais em suas atuações, principalmente falas como oferta de “aulas e atividades práticas”. Nesta vertente, propõe-se aprofundamento de estudo para verificar o quão alinhadas as teorias de multiletramentos, utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) e metodologias ativas no ensino técnico se confundem ou como podem se entrelaçar e proporcionar um aprendizado ativo na educação profissional.

As reflexões, apresentadas nesta pesquisa, encaminham para a resposta da pergunta de pesquisa deste estudo: O professor de disciplinas do núcleo técnico considera os letramentos e multiletramentos como ferramenta para aprimoramento de sua atuação em sala de aula?

De fato, os professores não consideram os letramentos e multiletramentos em sua atuação em sala de aula, mas não por falta de vontade e intuição. Os professores consideram o uso da linguagem tanto na oralidade quanto na escrita uma ferramenta essencial para a apropriação do conhecimento pelo alunado, porém ainda consideram a sua atuação deslocada da atuação dos professores de língua materna, já que ao que parece, o professor de língua materna detém o conhecimento total da linguagem, na visão destes professores.

Romper essas barreiras entre áreas técnicas e linguagens parece ser o ponto primordial para a obtenção de um trabalho efetivo de fomento aos letramentos e multiletramentos na educação profissional. Para isso, é necessário um esforço dos atores que compõe o processo educacional do ensino técnico para desenvolver eventos de letramento capazes de ressignificar a linguagem nas salas de aula do ensino profissional. Trabalhar os eventos de letramento no ensino profissional através de projetos interdisciplinares é o melhor caminho para aprimoramento da linguagem dos alunos desses cursos. Então, sugere-se o envolvimento dos professores de linguagem em conjunto

com os professores especialistas em áreas técnicas, através justamente da elaboração e do trabalho de atividades de e projetos interdisciplinares.

Cumprido ressaltar que o objetivo deste estudo é pontuar as deficiências e qualidades na concepção de eventos de letramento e multiletramentos e tendo em vista o indicado no parágrafo anterior, considera-se necessária a estruturação de formações docentes multidisciplinares periódicas, envolvendo professores de língua materna bem como professores especialistas em diversas áreas técnicas a fim de proporcionar o intercâmbio de práticas de aprimoramento da linguagem nos diversos campos de atuação profissional.

O relato da professora Rachel explora o esforço que o hospital realizou para contratação do candidato que possuía outra língua materna. Entender que um estrangeiro, mesmo sem dominar o idioma pode realizar atividades técnicas e se esforçar para quebrar essas barreiras que o idioma impõe parece ser um desafio, mas entender que essa dificuldade não o torna incapaz de exercer a atividade a que está sendo contratado vai ao encontro de todos os conceitos defendidos por Barton, Kleimann, Street, Soares, Delgado-Martins, Rojo que trabalham dos conceitos de letramento e multiletramentos.

A apropriação desta teoria pode ser o movimento que a escola profissional precisa tomar para ressignificar o ensino e a aprendizagem, bem como o domínio da linguagem com os alunos brasileiros, ou seja, que os professores entendam que eles, profissionais especializados em qualquer área do conhecimento fazem parte da construção de indivíduos cada vez mais conscientes da importância que o uso da linguagem seja escrita ou falada têm para o exercício das demandas sociais, com ou sem tecnologia.

É importante também entender que a tecnologia não é apenas uma tendência social, mas sim, que está cada vez mais presente na vida das pessoas, e o livre trânsito pelas mais diversas tecnologias vai demandar cada vez mais destes professores atitudes proativas de atuação em sala de aula para propiciar aos seus alunos as tão mencionadas em todas as entrevistas desta pesquisa, atividades práticas que segundo estes professores, ressignificam o aprendizado.

Em conclusão, esta pesquisa demonstra que os professores especialistas do ensino técnico sabem e entendem a necessidade de diversificar suas práticas em sala de aula, principalmente oferecendo gêneros textuais das mais diferentes fontes, porém, necessitam entender, serem preparados para trabalhar e sentirem-se parte do aprimoramento das práticas de linguagem que os letramentos e os multiletramentos exigem dos indivíduos, principalmente na formação para o trabalho que é o objetivo principal das modalidades de educação em que o ensino técnico está inserido.

Referências

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**. – 56 ed. Revista e ampliada – São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BANCO MUNDIAL. **PIB a precios actuales**: datos sobre las cuentas nacionales del Banco Mundial y archivos de datos sobre cuentas nacionales de la OCDE. Disponível em :https://datos.bancomundial.org/indicador/ny.gdp.mktp.cd?year_high_desc=true. Acesso em: 07 jan. 2019.

BARTON, D. **Literacy: an introduction to ecology of written language**. [tradução Guilherme Rios]. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

BECK, Ulrich. **Sociedade de Risco**: rumo a uma outra modernidade. [tradução Sebastião Nascimento]. – 2. ed., São Paulo: Editora 34, 2011.

CITELLI, A. **Comunicação e Educação**: linguagem em movimento. São Paulo: Editora Senac, 2000.
DELGADO-MARTINS, M. R., RAMALHO, Glória, COSTA, Armanda. **Literacia e Sociedade**: Contribuições pluridisciplinares. – Lisboa: Caminho, 2000.

DELORS, Jacques. **Educação**: um tesouro a descobrir. – 7. Ed. Revisada – São Paulo: Cortez, Brasília,

DF: UNESCO, 2012.

WORLD ECONOMIC FORUM. **Jobs of Tomorrow: Mapping Opportunity in the New Economy.** 2020. Disponível em: http://www3.weforum.org/docs/WEF_Jobs_of_Tomorrow_2020.pdf. Acesso em: 25 jan. 2020.

GASQUE, K. C. G. **Letramento Informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem** – Brasília: Faculdade de Ciência da Informação / Universidade de Brasília, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/13025>. Acesso em: 15 fev. 2019.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal. **Sociologia da Leitura.** Tradução de Mauro Gama. – Cotia: Ateliê Editorial, 2010.

JESUS, C. M. **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** 10. ed. – São Paulo: Ática, 2014.

KLEIMAN, A. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna.** *Edunisc*, v. 32, n. 53 (2007). Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/242>. Acesso em: 05 mar 2019.

LIMA, R. S. **Gêneros textuais no contexto da educação profissional: diretrizes para o ensino.** 2018. 151 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional). Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1ez-6jrlRRUm9JJ3MkwxEUffltjCTEI6/view>. Acesso em: 06 abr. 2019.

LIMA, A.; CATELLI Jr, R. **INAF BRASIL 2018: resultados preliminares.** São Paulo: Instituto Paulo Montenegro / Ação Educativa, 2018. Disponível em: http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Inaf2018_Relat%C3%B3rio-Resultados-Preliminares_v08Ago2018.pdf. Acesso em: 25 abr. 2019.

MENINO, S. E. **Educação Profissional e Tecnológica na Sociedade do Conhecimento.** – São Paulo: Centro Paula Souza, 2014.

ONU. **Brasil mantém tendência de avanço no desenvolvimento humano, mas desigualdades persistem.** ONUBR, 2018. Disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/presscenter/articles/2018/brasil-mantem-tendencia-de-avanco-no-desenvolvimento-humano--mas.html>. Acesso em: 07 jan. 2019.

PACHECO, E. **Perspectivas da educação profissional técnica de nível médio: proposta de diretrizes curriculares nacionais.** – São Paulo: Editora Moderna, 2012. Disponível em: <http://reitoria.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2014/06/Perspectivas-da-EPT.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2019.

PETEROSI, H. G., MENINO, Sérgio Eugenio. **A formação do formador.** – São Paulo: Centro Paula Souza, 2017.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva.** (tradução de Celina Olga de Souza) – São Paulo: Editora 34, 2009.

PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir à adversidade.** (tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini) – São Paulo: Editora 34, 2010.

QUINELATO, Rosângela. **Unicamp 2020: confira o tema da Redação.** 2020. Disponível em: <https://www.blogdovestibular.com/vestibular-2020/tema-redacao-unicamp-2020.html>. Acesso em: 18 jan. 2020.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. – 3. ed.; 4. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

RAMOS, M. N. O impacto da educação para o trabalho na sociedade brasileira. **Boletim Técnico do Senac**, v. 40, n. 3, p. 6-17, 09 ago. 2016. Disponível em: <https://www.bts.senac.br/bts/issue/view/16/15>. Acesso em: 16 set. 2019.

RIBEIRO, V. M. (et al.) – **Letramento no Brasil**: reflexões a partir do INAF 2001. – 2ed. – São Paulo: Global, 2004.

RIBEIRO, V. M.; LIMA, A. L. D.; BATISTA, A. A. - **Alfabetismo e letramento no Brasil: 10 anos do INAF** – 1ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

RIOS, G. Representações discursivas do letramento em contextos locais: entre discursos dominantes e dominados. In: **Contribuições da análise de discurso crítica no Brasil**: uma homenagem à Izabel Magalhães. Campinas: Pontes Editora, 2013.

ROJO, R. **Escola Conectada**: os multiletramentos e as TICs. – São Paulo: Parábola, 2013.

ROJO, R, MOURA, E. **Letramentos, mídias, linguagens**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

STREET, B. V. **Letramentos Sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. [tradução Marcos Bagno]. – 1. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F., LUCIO; M. D. P. B. **Metodologia de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2013.

WORLD ECONOMIC FORUM. **Jobs of Tomorrow**: Mapping Opportunity in the New Economy. 2020. Disponível em: <http://www3.weforum.org/docs/WEF-Jobs-of-Tomorrow-2020.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2020.

Recebido em 19 de janeiro de 2021.

Aceito em 12 de janeiro de 2022.